

Processo de ensino/aprendizagem dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes Visuais/UFSM

Leila Adriana Baptaglin – *Universidade Federal de Santa Maria/RS*
e-mail: leilaa251084@yahoo.com.br
Marilda Oliveira de Oliveira – *Universidade Federal de Santa Maria/RS*
e-mail: marildaoliveira27@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa traz apontamentos acerca de inquietações que perpassaram meu processo de formação inicial em artes visuais. Procurei assim, através da docência Orientada I e II do Mestrado em Educação/UFSM, no ano de 2008, estruturar um estudo que discutisse a questão do conteúdo, da forma como os acadêmicos aprendem e ensinam. Para obter estes dados ative-me a um processo de observação participante. Estabeleci apontamentos das minhas observações com os dados relativos aos instrumentos observados: projeto de estágio, diário de campo, planos de aula. Dados estes que trouxeram pontuações significativas acerca dos objetivos propostos.

Palavras-chave: formação inicial; ensino/aprendizagem; artes visuais

Abstract

The present paper provides discusses notes about concerns that went by my process of former education in visual arts. Looked well, through teaching Oriented I and II of Masters in Education/UFSM, in the year 2008, structuring a study that discussed the issue of content, how the students learn and teach. To obtain these data enable me to a process of participant observation. Established notes of my observations with data on observed instruments: draft stage, a field diary, lesson plans. Data these significant marks that brought about the proposed objectives.

Keywords: former education; teaching / learning; visual arts.

Apresentação

Constantemente venho me questionando acerca da formação do professor de arte visuais. Como os acadêmicos que entram no Curso de Licenciatura em Artes Visuais concebem o ensino das artes? Que tipo de conteúdos/propostas pedagógicas aprendem/desenvolvem durante o curso e, como articulam estes conteúdos/propostas enquanto professores? Estes questionamentos me acompanham desde a minha formação no Bacharelado em Desenho e Plástica (2005), Licenciatura em Desenho e Plástica (2006) continuam a transitar meus estudos no curso de Especialização em Gestão Educacional (2008) e permanecem no Mestrado em Educação (2008-2010).

Adentrei nesta temática específica durante o período de Docência Orientada I e II do Mestrado em Educação, no ano de 2008. A docência foi realizada na disciplina de Estágio Supervisionado, tendo como responsável a prof. Dr.^a Marilda Oliveira de Oliveira, minha atual orientadora do mestrado. Um destaque a ser dado é que nestas duas turmas nas quais realizei a docência orientada, no primeiro e segundo semestre de 2008, haviam ainda alguns alunos da reformulação curricular “antiga” de 1999¹, sendo a questão curricular o foco central do meu projeto de mestrado. Sendo assim, além de verificar a forma como os acadêmicos trazem suas propostas de estágio, tornou-se emergente a distinção do amadurecimento do processo de elaboração do projeto de ensino dos acadêmicos advindos da reformulação curricular de 2004 em relação à de 1999.

Assim, para obter alguns dados referentes a estas inquietações, durante estes dois semestres ative-me a um processo de observação participante. Ao mesmo tempo em que atuava em alguns momentos da aula, fazia algumas colocações e orientações ao encontro do que a professora titular da disciplina propunha, buscava observar e compartilhar das experiências do processo de ensino destes acadêmicos. Desta maneira, no início do semestre todos eram solicitados a apresentar um projeto de estágio com algumas propostas de aula. Neste primeiro momento já se apresentavam grandes indicativos do que vinha me propondo a pesquisar. Contudo, ao verificar quais eram estas propostas, ficava a atribuição de observar durante o semestre como esta vinha se concretizando na prática educativa. É neste momento então que o processo de observação participante, juntamente com a leitura dos diários dos acadêmicos e, com o acompanhamento dos planos de aula tornava-se mais instigante e impulsionador. Ao findar este momento, procurei estabelecer alguns apontamentos das minhas observações com os dados relativos ao que vinha coletando por meio dos instrumentos utilizados: projeto de estágio, diário de campo, planos de aula.

Ao que se percebe as propostas desenvolvidas pela grande maioria dos acadêmicos abrange uma proposta contemporânea de um ensino voltado para a interlocução e o diálogo do conteúdo com o dia-a-dia dos alunos propiciando assim

um encaminhamento para o trabalho com a Cultura Visual e a produção artística contemporânea.

Alguns apontamentos sobre os conteúdos das propostas de estágio desenvolvidas pelos alunos do Curso de Artes Visuais.

Em consonância com o processo de orientação que vem sendo desenvolvido nas propostas de Estágio Curricular do Curso de Artes Visuais, esta disciplina de Estágio Supervisionado na qual realizei minha docência orientada e, igualmente na qual coletei alguns dados para análise, traduz um olhar para o ensino da arte em uma perspectiva de interação e discussão da temática a ser desenvolvida pelos acadêmicos com as leituras e dinâmicas desenvolvidas em aula. Procurando assim estabelecer e articular-se a proposta de um curso de formação de professores que, segundo Oliveira:

Constituiu e mediou situações de alargamento cognitivo, que fosse pensado/gestado com base na idéia de 'professor pesquisador', aquele que gera experiência e estabelece diálogos renovadores com sua prática. Aquele que, rememorando o sentido etimológico da docência em arte, ensinasse a articular, que construísse caminhos possíveis. (OLIVEIRA, 2009, p.03)

Sendo assim, nos primeiros encontros da disciplina são feitas leituras dos projetos dos acadêmicos matriculados e em seguida as devidas orientações acerca da temática. Estes projetos são construídos em um semestre anterior em outra disciplina. Posteriormente a estas primeiras intervenções são realizadas aulas semanais de forma a que se discutam tanto as suas experiências de estágio quanto textos relativos aos conteúdos e a sua formação. Os relatos da experiência de estágio são realizados através do diário de campo que, segundo Porlán e Martín (1997) apresenta-se como um instrumento a ser compartilhado em grupo exteriorizando assim a prática de cada um, tornando esta um espaço de ressignificação, de coletivização em que as experiências de um passam a ser a experiência de todos. Este momento apresenta-se, segundo comentários e colocações dos acadêmicos como um dos momentos mais importantes da aula, pois ali as dificuldades dos colegas tornam-se coletivas e as soluções e discussões são geradas e analisadas no conjunto. Surge a constante argumentação de que nestes

momentos não nos sentimos sozinhos, sabemos que estamos aqui para aprender e que temos um grupo para discutir e conversar sobre nossos problemas/dificuldades.

Em meio a esta dinâmica são apresentados também propostas de texto escolhidos conforme a(s) temática(s) a serem trabalhadas pelos acadêmicos aprofundando e explicitando alguns apontamentos. Cabe destacar neste ponto, que em ambos os semestres, cerca de 90% dos acadêmicos apresentou propostas relativas a arte contemporânea ou propostas que contemplassem em algum momento inserções com a Cultura Visual. Estes dados podem ser evidenciados de forma mais clara na pesquisa realizada pela prof. titular das turmas, prof. Dr^a. Marilda Oliveira de Oliveira e a prof. Dr^a. Vanessa Freitag: “A produção contemporânea como espaço de conflitos no ensino das Artes”². Pesquisa esta, onde as autoras questionam dentre outras colocações: Como o professor em formação inicial compreende e significa a Arte Contemporânea na docência? E, a partir disso discorrem acerca dos resultados colocando que

O professor em formação inicial compreende e significa a importância de trabalhar Arte Contemporânea na escola quando percebe que esta temática requer dele revisões de encaminhamentos que não cristalizem a arte a operações imediatistas e reducionistas, e sim empreendam a tarefa de desmontar sua construção e apontar suas conexões e cumplicidades. Sem dúvida, a inserção da Arte Contemporânea no Ensino da Arte reverberou em muitas contribuições e experiências diversificadas para o professor e para o aluno, além de desafiar e inquietar a própria forma de ver, pensar e trabalhar a própria arte. (OLIVEIRA; FREITAG *in* MARTINS, 2008, p. 43)

Por meio destes dados podemos comprovar que a arte contemporânea passa a ser percebida como um processo que não leva em conta somente os “conteúdos das obras, em suas formas, suas composições, no emprego deste ou daquele material” (CAUQUELIN, 2005, p.12), mas leva em consideração a pluralidade e a diversidade do mundo contemporâneo, os muitos “agoras” que coexistem em poéticas que buscam além da legitimação, marcar sua singularidade dentro do sistema cultural. Vinculam-se assim a estudos artísticos relativos ao Corpo na Arte, a Performance, a Instalação, as diferentes manifestações culturais, a Intervenção, a influência da mídia/meios de comunicação que passam a direcionar o olhar para a

Cultura Visual. Uma Cultura Visual que procura aproximar a Arte ao contexto do aluno estabelecendo um vínculo onde a arte não se encontra mais desarticulada do cotidiano, presa ao museu, mas insere-se em nosso meio, nos processos de consumo, de articulação do desejo e do prazer perante o espectador.

Estas propostas articuladas pelos acadêmicos em seus estágios trazem em algum momento as experiências de atelier ou experiências vivenciadas ao longo do curso o que nos faz perceber, de certa forma, como vem se estabelecendo o processo de aprendizagem deste acadêmico. Ao encontro destas propostas, procurou-se então, sempre que possível articular textos relativos a estas proposições para que desta forma, estes pudessem estar contribuindo na discussão e no melhor entendimento não só do conteúdo, mas também da forma como pode ser trabalhado. Neste viés então, podemos citar alguns autores trabalhados que vão ao encontro destas colocações, temos dentre eles: (FREEDMAN, 2006); (OLIVEIRA, 2008); (MENEZES, 2007); (VALENÇA, 2007) dentre tantos outros. Autores estes que nos trazem discussões, que vão ao encontro de estabelecer um processo de aprofundamento acerca da temática.

Contudo, ao se tratar de uma disciplina de estágio, o enfoque maior é como transpor estes conhecimentos para a sala de aula, como fazer com que os alunos os quais estes estagiários estão trabalhando percebam a importância do ensino e principalmente desta forma de ensino das artes. Trabalhou-se então, com textos referentes a autores como: (ABDALLA, 2008); (ALMEIDA, 2008); (BONDÍA, 2002); (FERNANDES, 2008); (PIMENTEL, 2008); (PIMENTA, 2004); (GAUTHIER, 1998); (VASCONCELOS, 2008). Autores que direcionam em seus textos, um olhar para a formação pedagógica do aluno, para um situar suas atividades dentro da ambiente escolar. Em compatibilização destes momentos de estudos, do diário e das leituras pude perceber durante os semestres que estes vinham a explicar alguns procedimentos que não se faziam claros para os acadêmicos. No entanto, em meio as dificuldades normais da prática de estágio percebi que os acadêmicos apresentavam uma inquietação advinda de suas práticas de estágio. Inquietação esta a qual presenciei em algumas aulas de assistência³ em que muitos alunos

questionavam acerca de alguma imagem: mas isso é Arte? Então tudo é Arte? Afinal então, o que é Arte?

Esta é uma pergunta que emerge constantemente ao falarmos de arte contemporânea e de Cultura Visual, pois estas vão ao encontro da imagem/obra não apenas pelo seu valor estético, mas buscam o envolvimento desta com o papel social, com o contexto de inquietações, manifestações do nosso período.

Hoje, o que nos interessa são os intervalos, os interstícios, e o que esta *entre*, os discursos que se produzem ou produziram em torno do objeto, os dispositivos que esta obra/imagem pode lançar; as formas de subjetividade que esta obra/imagem gera. Assim, a pergunta hoje seria: o que esta imagem/obra diz de mim? (OLIVEIRA, 2009, p. 2)

Estruturam-se assim, mais do que imagens/obras de Arte, advogam acerca de reivindicações, de inquietações colocando-se em um patamar em que

A imagem é (*passa a ser*) uma condição vinculada ao modo como uma acepção, idéia, objeto se posiciona ou se localiza num ambiente ou situação. Significados não dependem da fonte que os cria, emite ou processa, mas de uma condição relacional e concreta, ou seja, na situação ou contexto no qual o vivenciamos. (MARTINS, 2008, P. 27)

Chegamos aqui a um ponto crucial do ensino, a desvinculação do conteúdo como o contexto, ou seja, da teoria com a prática. Distanciamento tão freqüente na argumentação tanto dos estagiários como das escolas. Os estagiários declaram que, apesar de fazerem e buscarem uma aproximação dos conteúdos acadêmicos com a realidade escolar, estes ainda são muito distantes. As escolas, com o desenvolvimento de um processo de abertura democrática em que esta procura a autonomia e a liberdade na elaboração dos conteúdos reclamam que ainda, a ênfase dada pelos professores é apenas nos conteúdos, mas quando os professores (aqui se tratando dos estagiários) fazem estas aproximações, trazem conteúdos relacionados com o dia-a-dia, com o contexto e a cultura local, são questionados acerca de que conteúdo estão trabalhando e se estes são realmente conteúdos de arte.

Certamente ainda presenciamos certo distanciamento entre escola e universidade, entre teoria e prática. Um distanciamento frente ao que se propõe e o que se concretiza. Percebemos desta maneira, principalmente pelos professores

titulares das escolas, certa desconfiança com a arte contemporânea e a cultura visual, por serem abordagens mais recentes, ainda necessitam de um maior convencimento. Como esclarece Oliveira (2007, p. 10) no prefácio de seu livro,

Afastamentos conceituais dos centros hegemônicos e de essencialismos dogmáticos da concepção modernista de arte são articulados por deslocamentos interpretativos e de uma compreensão de que a imagem não contém uma verdade a ser encontrada, descrita ou decifrada. Espaços de reterritorialização conceitual e epistemológica, esses deslocamentos sugerem postulações teóricas apoiadas numa dimensão temporal, embasadas na contingência, na história e na mudança.

Esta conceituação ainda apresenta-se em meios de entendimento, pois intercedem acerca de um novo modo de ver e interagir com a imagem artística. Sendo assim, apesar de iniciativas com uma maturidade conceitual sendo desenvolvida e articulada no campo do estágio em artes visuais, ainda percebo que há uma barreira que separa esta realidade da universidade com a escola. O que se almeja e se estuda “aqui” não se concretiza ou não se compreende em seu inteiro teor “lá”.

No entanto não podemos ser tão pessimistas, tendo como resultado este ano de pesquisa, pude perceber que estas propostas, embora com receio, estão sendo aceitas pelas escolas, tendo estas constantemente procurado os estagiários do curso a fim de que estes venham a desenvolver seus projetos em seus espaços educacionais. Espaços estes muito frutíferos, mas que deixam margem a questionamentos acerca da continuidade da proposta iniciada. Pois não se sabe se esta será a única experiência diferenciada em termos de artes que os alunos terão e posteriormente voltarão a um processo de aplicação de conteúdos artísticos isolados histórica e culturalmente, ou se a escola/professor da disciplina procurará estabelecer algum vínculo da forma de trabalho trazida pelo estagiário com seu conteúdo.

De toda forma, sabemos que o processo de ensino é lento e minucioso, não podemos ensinar conceitos por osmose. Todo conceito necessita tempo para ser compreendido. Dar tempo a esta aproximação torna-se imprescindível neste processo. Isso pode ser visualizado nas defesas dos estágios realizadas no final da disciplina. Nesta, os acadêmicos expõe a proposta, como esta se desenvolveu e quais os resultados advindos desta. Parindo de um olhar frente aos dois semestres,

já se percebe que algumas propostas estão sendo bem aceitas e instigando a interação dos alunos e da comunidade escolar. Isso pois, em virtude de o acadêmico ter quatro semestres de estágio, este passa a integrar de forma mais sólida a conjuntura da escola estruturando e conquistando seu espaço. Nem todos os acadêmicos permanecem na mesma escola, nem com a mesma turma, mas com o passar das experiências este começa a adquirir mais conhecimento e segurança acerca de suas proposições. Tendo clareza e construção teórica e prática para discutir e articular a importância da arte contemporânea e da Cultura Visual em meio ao espaço escolar. Todos estes itens são observados nas defesas de estágio sendo o acadêmico incentivado pelo seu percurso, pela sua persistência e pela concretização de seus objetivos.

Outro ponto a ser destacado e que vai ao encontro desta discussão do tempo necessário para o ensino/aprendizagem refere-se aos acadêmicos relativos a organização curricular de 1999. Ao possuir minha formação nesta mesma matriz curricular, passei a me identificar e a questionar alguns pontos de minha formação. Fazendo um paralelo com os demais acadêmicos (relativo a reforma curricular de 2004) da disciplina a qual foi feita a pesquisa, pude perceber que estes últimos apresentavam-se mais seguros quanto a seu projeto e a sua atuação frente ao aluno. Relaciono esta segurança ao tempo de estágio e as experiências anteriores destes acadêmicos tendo em vista que desde o início do curso já vem desenvolvendo em alguma instância (observações, práticas de atividades em ambientes não-formais, pequenos estágios e participações em docência) práticas docentes. Algo que na estrutura curricular de 1999 só nos era propiciado no último semestre. Tendo este de ser o ponto decisivo de nossa formação. Dando certo ou não. Tomando um semestre como decisivo para a permanência ou não na docência, pois muitos, ao deparar-se com uma turma de alunos sentiam-se incapazes ou sem preparo para organizar e dar uma aula.

Os acadêmicos os quais estiveram nesta disciplina no ano de 2008 apresentaram claramente em alguns momentos estas inquietações, esta necessidade de mais tempo em contato com o aluno. Algo que os demais já conseguiam articular. Cabe assim, continuarmos desenvolvendo este processo de interação do contexto artístico com o social, da explanação e da inserção da arte

contemporânea e da Cultura Visuais nos ambientes escolares. Só assim conseguiremos dar uma abertura para que as artes sejam vistas não apenas como uma grade de conteúdos a serem seguidos, mas como uma dinâmica de interação sujeito/mundo.

Considerações Finais

A guisa de algumas pontuações pude perceber neste entremeio de observações e leituras, que muito do que se expressa nas propostas de estágios advém de experiências que já vem sendo realizadas na formação do acadêmico. Experiências estas vinculadas em grande percentual, segundo a observação dos projetos de estágio, a temática da arte contemporânea e a cultura visual. Algo que se concretiza tendo em vistas os objetivos que o curso persegue acerca da formação do profissional de Artes Visuais. No entanto, estes objetivos apesar de estarem em constante interlocução com o espaço social, apresentam-se um passo a frente em relação à escola provocando assim o distanciamento destes dois ambientes, o que recai também no distanciamento da teoria com a prática. Um distanciamento principalmente relativo às novas conceituações artísticas, o que é Arte? Como ela vem se apresentando em meio a sociedade hoje?

Contudo, percebi neste estudo, que as propostas desenvolvidas no Curso de Artes Visuais vêm sendo, ainda que com algum receio, bem aceitas em meio ao espaço escolar. Contudo, cabe uma ressalva em relação a como estes projetos de arte contemporânea e de Cultura Visual vem sendo abordadas pelos estagiários e possivelmente sendo abordadas pelos professores das escolas. Sem dúvida estamos trilhando um caminho com bons resultados, isso já é evidenciado com ampliação da experiência docente relativa a carga horária na medida em que esta propicia ao acadêmico uma aproximação com o seu meio de atuação desde o início do curso. Contudo, ainda temos muito a fazer em termos conceituais e práticos acerca do ensino/aprendizagem de temáticas como a arte contemporânea e a Cultura Visual.

Modificações estão acontecendo e este processo de aprender e ensinar tornando-se mais instigante na medida em que a partir das artes visuais os

conteúdos não são mais vistos por si só, mas interagem e dialogam com o contexto, com a cultura e com a vida dos sujeitos/alunos.

Notas

¹Na reformulação curricular de 1999, o acadêmico entrava no curso de Desenho e Plástica Bacharelado e, no quinto semestre prestava seleção para a licenciatura, se assim o quisesse. Ao entrar na licenciatura, este cursava mais dois anos de disciplinas pedagógicas tendo em seu último semestre o estágio. Estágio este que se restringia então a um único semestre, a uma única experiência em um único nível de ensino, qual seja, o ensino médio. Já a reformulação de 2004, apresenta em seu ingresso a divisão entre Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura. Sendo que nesta o acadêmico tem quatro anos para desenvolver sua formação e dois anos de estágio tendo a oportunidade de experienciar outros níveis de ensino, quais sejam: ensino fundamental, médio, EJA e ensino não-formal.

²Os dados apresentados nesta pesquisa fazem referência ao trabalho desenvolvido pelos acadêmicos de graduação do curso de Artes Visuais/licenciatura em escolas de ensino médio de Santa Maria/RS durante o período de Estágio Curricular Supervisionado. Estes dados são de suma importância tendo em vista que são relativos ao mesmo Curso e ao mesmo campo de estágio da pesquisa a qual desenvolvi e aqui descrevo.

³Assim como aconteciam as orientações em espaço de sala de aula na universidade, são realizadas assistências aos acadêmicos nas suas práticas de estágio nas escolas. No período que decorreu a minha experiência de docência Orientada tive a oportunidade de estar observando e dando assistência a alguns alunos nos espaços onde estes realizaram seus estágios.

Referências

ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. Da transversalidade das questões que cruzam o campo do estágio: é possível ressignificar a articulação teoria-prática? *In Anais do XIV ENDIPE (Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas)*, 2008.

ALMEIDA, Maria Isabel. Ensino com pesquisa na licenciatura como base da formação docente. *In Anais do XIV ENDIPE (Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas)*, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, nº 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr, 2002.

FERNANDES, Cleoni Maria Baroza. O espaço-tempo do estágio nos movimentos do curso: interrogantes, desafios e construção de territorialidades. *In Anais do XIV ENDIPE (Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas)*, 2008.

GAUTHIER. Clermond. **Por uma teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

MARTINS, Raimundo. A Cultura Visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas de ver. *In OLIVEIRA, M. O. (Org.) Arte, Educação e Cultura*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007. Pág. 19-41.

MENEZES, Mariana Pereira. A Arte contemporânea como fundamento para a prática do ensino das Artes. *In Anais do 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais*. Florianópolis, UDESC, 2007.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre *et al.* Arte Contemporânea na Escola Básica: a difícil tarefa e os desafios de se pensar a formação de professores de Artes Visuais. *In Anais* do 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Florianópolis, UDESC, 2008.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **A formação inicial do professor de Artes Visuais: o caso da Universidade Federal de Santa Maria/RS.** Disponível em: http://200.18.6.3/aaesc/Anais/marilda_oliveira.pdf. Acesso em: 24 de abril de 2009.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Qual é mesmo a função das artes (visuais, cênicas, musicais e da dança) no espaço escolar? *In Anais* do IX Congresso de Educação Popular e XVII Seminário Internacional de Educação Popular; Santa maria/RS, (*no prelo*), 2009.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; FREITAG, Vanessa Freitag. A produção contemporânea como espaço de conflito no ensino de artes. *In* MARTINS, Raimundo (Org). **Visualidade e Educação.** Goiânia: FUNAPE, 2008. Pág. 39-48

PIMENTA, S. G. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTEL, Lucia Gouvea. Ensinar é um processo de aprender. *In Anais* do XIV ENDIPE (Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas), 2008.

PORLÁN, Rafal; MARTÍN, José. **El diario del profesor:** um recurso para la investigación em el aula. Sevilla: Díada editora, 1997. (Coleção Investigación y Enseñanza).

VALENÇA, Kelly Bianca Clifford. *et al.* Arte contemporânea, cultura visual e formação do professor de artes. *In Anais* do 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Florianópolis, UDESC, 2007.

VASCONCELOS, Sônia Tramuja. Formação, docência e Ensino da Arte: Situações percebidas no estágio curricular. *In Anais* do 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais, Florianópolis, UDESC, 2008.

Currículo resumido

Leila Adriana Baptaglin

Acadêmica dos Cursos de Pós-Graduação: Mestrado em Educação e Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural, ambos pela UFSM/RS. Bacharel e Licenciada em Desenho e Plástica pela UFSM/RS (2005 e 2006). Especialista em Gestão Educacional UFSM/RS (2008) e pesquisadora membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec/UFSM).

Marilda Oliveira de Oliveira

Professora do Programa de Pós Graduação em Educação, PPGE/CE/UFSM. Doutora em História da Arte (1995) e Mestre em Antropologia Social (1990), ambos pela Universidade de Barcelona, Espanha. Coordenadora do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, diretório CNPq. Representante na ANPAP no RS.